

A IMPORTÂNCIA DA POESIA NA FORMAÇÃO DE PROFISSIONAIS DO ENSINO DE LITERATURA E SUJEITOS-LEITORES

Flávio Pereira Camargo^γ

Resumo: a poesia tem uma importância fundamental para a formação crítico-reflexiva do sujeito-leitor. A poesia possibilita ao homem o encontro com a cultura humanística, como espaço de revelação e reconhecimento do prazer, da fantasia e da realidade circundante ao leitor infantil, além de propiciar-lhe uma leitura ampla e crítica dos valores vigentes na sociedade.

Palavras-chaves: educação, ensino, literatura

Abstract: The poetry has a fundamental importance in the critical-reflexive-reader's education. The poetry enables the man's links with the humanistic culture, giving space notions and recognition of pleasure, fantasy and the surrounding reality to the beginner readers, besides providing them a wide and critical reading of the effective social values in society.

Key-words: ducation, teach, literature

^γ Acadêmico do Curso de Letras pela UFG/Campus de Catalão. Bolsista do PIBIC/CNPq. Membro do Grupo LER: Estéticas da Modernidade.

“Aprendi com meu filho de dez anos
Que a poesia é a descoberta
Das coisas que eu nunca vi”
Oswald de Andrade

INTRODUÇÃO

A sociedade moderna do século XX está exigindo cada vez mais criatividade, autonomia, rapidez e conhecimento nas diversas áreas do saber, pois se baseia nos pressupostos capitalistas, que visam, sobremaneira, o desenvolvimento científico por parte do ser humano. Se a sociedade atual exige um homem crítico, reflexivo, autônomo e criativo, que lugar/relevância teria a poesia enquanto instrumento de formação de professores do ensino de literatura preocupados com a produção de sujeitos-leitores?

A problemática da formação de professores e, por conseguinte, de sujeitos-leitores torna-se um dos pontos capitais das licenciaturas na atualidade. Geralmente os professores, ao concluírem a graduação e ingressarem na educação, optam por uma prática pedagógica sedimentada, haja vista que a inovação “dá” trabalho, por isso há continuidade de uma prática pedagógica tradicionalista, relegando para segundo plano a formação de sujeitos-leitores crítico-reflexivos acerca da realidade circundante.

Formar profissionais do ensino de literatura conscientes do papel de formar cidadãos autônomos e críticos deve ser um dos principais objetivos da educação. Para tanto, faz-se necessário que o conhecimento seja prazeroso e útil ao aluno, isto é, uma prática tradicionalista, acrítica, com metodologias ultrapassadas não será capaz de formar um sujeito-leitor crítico, capaz de desnudar as falsas ideologias veiculadas na sociedade.

O profissional de literatura, ao trabalhar com a poesia em sala, propicia ao aluno oportunidade de desvendar não só as estruturas superficiais do texto, como compreender o discurso e as ideologias que estão implícitas no texto poético. Partindo-se da análise da obra *Ou isto ou aquilo*, de Cecília Meireles, publicada em 1964, observa-se que a poesia, assim como toda produção poética de qualidade, além de ser prazerosa, pode ser útil. Horácio já dizia que a poesia deveria ser *dulce et utile*, isto é, propiciar à formação do homem não só o prazer, mas também o conhecimento.

Espera-se que o presente ensaio possa contribuir para a formação de profissionais do ensino de literatura preocupados com uma prática educacional que vise, sobretudo, à

formação de sujeitos-leitores crítico-reflexivos acerca da realidade circundante, desvendando as falsas ideologias propagadas na e pela sociedade.

INOVAÇÕES NA POESIA MODERNA E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA A FORMAÇÃO DE PROFISSIONAIS DO ENSINO DE LITERATURA

Até 1964, ano da publicação da obra *Ou isto ou aquilo*, de Cecília Meireles, pode-se dizer que não havia no Brasil uma poesia infantil dentro de uma ótica que privilegiasse a visão de mundo dos leitores a que se destina. As publicações anteriores a esta data refletem um caráter didático-pedagógico que objetivam veicular as ideologias predominantes na e pela sociedade, isto é, os valores sociais correntes na sociedade a serem transmitidos aos jovens leitores por meio da poesia. Até o século XX não havia a preocupação com o elemento lúdico, com a função literária dos livros infantis, mas uma ênfase na função utilitarista da arte, dentro da linha pedagógica, cujo interesse capital seria a veiculação da ideologia dominante e a visão adulta de mundo, preparando a criança para um posterior condicionamento social. Não se considerava, desta forma, a visão infantil diante do mundo e a sensibilidade do infante perante as coisas mais simples, lembrando que a criança é capaz de se sensibilizar com aquilo que passa despercebido aos olhos do adulto.

A literatura revela a opressão social e favorece a superação das contradições da educação pelo desnudamento do reprimido socialmente, mas a apropriação indébita do texto literário com propósitos pedagógicos, resulta num desastre para a fruição do prazer do texto, da renovação das possibilidades de leitura, das críticas sociais, resultando na moldagem do indivíduo para a sociedade.

Segundo YUNES (1984: 124), a literatura infantil confundida com a pedagogia se desloca do campo artístico, na medida em que o texto poético é utilizado ora com fins morais, ora como pré-texto para atividades gramaticais. Para a autora, a relação entre o homem e o mundo se dá pela mediatização da linguagem em suas várias modalidades. A linguagem deve ser entendida como um recorte antropocultural do universo, de modo a permitir uma leitura do mundo em perspectivas distintas, pois o ato de “ler o mundo” engendra uma hierarquia de significados socioculturais e pragmáticos. Assim, a arte deve ser compreendida como uma alternativa de conhecimento do mundo fora dos parâmetros rígidos da comunicação, mesmo porque a poesia não referencia o mundo, antes, recria-o; transmite um *outro* saber, por vezes, implícito na estrutura narrativa/textual.

A autora ainda ressalta que a própria natureza da obra literária reclama a intervenção do leitor. A leitura é provocação do sujeito-leitor que exige dele uma tomada de atitude – de consciência – diante do caráter emancipatório do discurso, distanciando-se do lugar comum. A leitura desenvolve a consciência reflexiva do leitor. A arte, numa palavra, é um discurso inacabado que exige a co-moção do sujeito-leitor, transformando-o de passivo assimilador a co-agente de criação da obra literária.

A literatura pode oferecer uma saída ao modelo educacional vigente, sobretudo ao modelo de formação de professores, na medida em que o texto literário propicie uma nova pedagogia, ao invés de se submeter aos procedimentos didáticos usuais, contribuindo para a natureza formativa do sujeito-leitor.

A publicação de *Ou isto ou aquilo* (1964) assinala um período de ruptura com a tradição, iniciando uma nova fase na literatura infantil, além de abrir o caminho para outros autores. Nessa nova fase da produção infantil, privilegia-se a visão da criança diante da contemplação do mundo. Durante a infância todos os sentidos estão aguçados, pois o infante está passando por um período de descobrimento. Ele quer pegar, cheirar, comer o que está a sua frente, não importando o que seja; enfim, sentir o mundo. E a partir do contato com o texto literário, irá construir e desenvolver a própria formação cultural e social. Portanto, a formação de um profissional de ensino da língua portuguesa precisa ter em mente uma prática educacional que desenvolva uma consciência crítica nos alunos desde o processo de alfabetização.

Segundo MELLO (1995: 151), a renovação no campo da produção infantil, a partir da publicação do livro de Cecília Meireles, ocorreu nos planos temático e expressivo, retomando temas próprios da poesia folclórica. No nível da linguagem, a sonoridade é de capital importância sugestiva para a criança assimilar as imagens do texto literário. Os principais recursos são as onomatopéias, as aliterações, as assonâncias, as rimas e as anáforas, dentre outros recursos, como pode ser observado no poema “Bolhas”:

BOLHAS

Olha a bolha d'água
no galho!
Olha o orvalho!

Olha a bolha de vinho
na rolha!
Olha a bolha!

Olha a bolha na mão
que trabalha!

Olha a bolha de sabão
na ponta da palha:
brilha, espelha
e se espalha.
Olha a bolha!

Olha a bolha
que molha
a mão do menino:

A bolha da chuva da calha!
(p.15)

O próprio título denota a poetização de um tema prosaico: a brincadeira da bolha de sabão tão corrente no mundo infantil. Há, desta forma, a poetização de um elemento considerado até então como apoético, sendo esta uma característica cara aos poetas modernos e modernistas, uma vez que a impulsão lírica, sendo livre, pode nascer tanto de uma réstia de cebolas, quanto de um amor perdido (ANDRADE, /s.d./, p. 208), pois a poesia encontra-se em estado amorfo, cabendo ao poeta captá-la e erguê-la em forma de poema (PAZ, 1982: 17).

No referente ao plano estrutural, o poema não apresenta um esquema rítmico fixo, tendo em vista que os versos são irregulares. A musicalidade do poema é obtida através da aliteração do /lh/, do /b/ e do /p/: “**Olha a bolha** d’água / no **galho!** / **Olha** o orvalho! [...] **Olha a bolha** de sabão / na **ponta da palha:** / **brilha, espelha** / e se **espalha.** / **Olha a bolha!**”. Tem-se, ainda, a assonância de /a/ e de /o/ em todo o poema: “**Olha a bolha** / que **molha** / **a mão do menino:** // **A bolha da chuva da calha!**”. É interessante observar que a assonância de /a/ ocorreu 53 vezes, enquanto a de /o/ incidiu em 31 repetições.

Os movimentos labiais quando da pronúncia da palavra “bolha” remetem-nos a uma aproximação muito feliz com a própria bolha de sabão. A pronúncia de “bo” estaria para a formação da própria bolha, enquanto a de “lha” representaria o estouro da mesma.

A anáfora “Olha a bolha...”, juntamente com as aliterações, as assonâncias e as rimas que são, em sua maioria, emparelhadas, contribuem significativamente para a musicalidade do poema. O jogo sonoro é agradável ao ouvido da criança, facilitando a memorização dos textos poéticos e musicais, tanto quanto possibilita a emergência de atitudes criativas, autônomas, próprias de um sujeito-leitor, fundamentais para uma concepção de Formação de Professores sensíveis às necessidades de uma revolução subjetiva no ensino, a ser forjada a partir da consciência coletiva e/ou individual dos profissionais de educação.

Em relação ao aspecto semântico do poema, tem-se o aproveitamento de uma brincadeira popular presente no mundo infantil que contempla não só o aspecto lúdico em si, mas as relações interpessoais estabelecidas com o “outro” por meio da brincadeira das bolhas de sabão.

No plano temático, prioriza-se uma ótica da criança na contemplação do mundo desconhecido que está a sua frente. As poesias abordam, em sua maioria, temas relacionados ao cotidiano da criança (MELLO, 1995). Assim, os poemas de Meireles apresentam cenas da vida infantil, com crianças jogando bola, “Jogo de Bola”, andando de patinete, “Para ir à Lua”, brincando com tinta, “Tanta Tinta”, com bolhas de sabão, “Bolhas”, além da relação com os animais: “O menino azul”, “A pombinha na mata”; com as pessoas: “Cantiga da babá”, “A avó do menino” e a relação da criança consigo mesma: “Moda da menina trombuda”, “Sonho de Olga”, “Sonhos da menina”, assim como a relação da criança com a natureza: “O eco”, “Leilão de jardim”, “A folha na festa”. Além de temas até então não abordados nos livros infantis, como a questão da morte em que é exposto à criança o ciclo de renovação de tudo que está sobre a terra, perceptível nos poemas “O vestido de Laura”, “As duas velhinhas”, “Pescaria”, “Uma flor quebrada” e “Canção da flor de pimenta”, dentre outros poemas. A poesia do século XX renova, pois, o plano temático e o nível da linguagem abordados nos livros de literatura infantil.

O contato com a poesia pode desenvolver no sujeito-leitor a capacidade da leitura fluente, o interesse pela escrita e, até mesmo, pela produção de poesias a partir das que forem trabalhadas em sala de aula. A leitura de poemas em voz alta desenvolve a cognição do infante, além de possibilitar-lhe melhores condições para a interpretação das poesias. Através da poesia, o homem apreende a sua própria essência enquanto ser, além de estabelecer uma relação do “eu” com o “outro”. O contato da criança com o mundo exterior dá-se,

principalmente, por meio da poesia, exercendo o adulto a função de mediador, na maioria dos casos, entre a obra e o leitor.

Um professor de Língua Portuguesa, assim sensibilizado, priorizaria noções básicas da lírica – versos, rimas, estrofes – como dados adicionais, informativos, para possibilitar ao leitor uma melhor compreensão e apreensão do poema. Um dos recursos capitais que despertam o interesse do leitor infantil pela leitura de poemas e outros textos infantis diz respeito à imaginação e encenação dos textos trabalhados. Ao levar a poesia para o espaço cênico, a criança interessa-se por seu conteúdo, além de desenvolver no infante a imaginação e a intuição que o levam a apreender, a descobrir o conhecimento, o mundo até então desconhecido, por meio de uma forma dinâmica e lúdica de leitura e interpretação.

Como exposto acima, a poesia anterior ao século XX primava pelo caráter pedagógico e didático, perdendo no aspecto estético, em detrimento da função utilitarista da arte. Após a publicação da obra de Cecília Meireles, a poesia contemporânea tende a levar a criança a descobrir o conhecimento, o mundo, por meio da função literária, do lúdico, da imaginação, do *non-sense*.

LAJOLO & ZILBERMAN (1985: 148/149) salientam que a poesia infantil contemporânea tem como temática o cotidiano infantil, assim como o faz Meireles em “Roda na rua”, “Jogo de Bola” e “Tanta Tinta”, dentre outros, ou a adoção do anticonvencional, quer da linguagem, quer do recorte da realidade, havendo uma fuga da representação mimética do real, pois uma das características mais caras aos poetas modernos trata-se do caráter antimimético da arte moderna, tal como o faz Quintana (1997) em *Lili inventa o mundo*. Segundo ABRAMOVICH (1997), Quintana ao trabalhar com o *non sense* propicia ao infante criar um mundo mágico, um mundo do faz-de-conta, tal como o fez em *Lili inventa o Mundo*.

Atente-se para o título do livro: *Lili* é uma personagem do livro; uma criança que brinca com o mundo imaginário, que *inventa* o seu próprio mundo infantil, como ocorre a muitas crianças que imaginam amiguinhos imaginários e criam brinquedos heteróclitos a partir de um único objeto e/ou brinquedo. Além disso, o próprio título indica uma visão infantil diante do mundo, pois o infante está descobrindo o mundo poeticamente. Desta forma, o autor apresenta às crianças uma visão poética do mundo para despertar-lhes a sensibilidade presente nos elementos cotidianos ao mundo infantil.

Cria-se, desta forma, um universo fantástico, quase surrealista que procura enfatizar a relação da criança com a natureza por meio de configurações plásticas que envolvam a criança em um mundo de cores, sensações e sinestésias. Há, ainda, a recuperação das modinhas infantis, canções de ninar e brincadeiras de roda, potencializando ao máximo as

aliterações, as onomatopéias e as rimas internas, pois o ritmo e a sonoridade são fundamentais para o leitor infantil apreender tanto a imagem verbal quanto a visual presente nos textos literários e, por vezes, associadas entre si, como é o caso dos poemas de Meireles, pois todos são ilustrados de acordo com o texto verbal, havendo uma relação íntima entre o verbal e o não-verbal.

Em “Jogo de Bola” o infante apreende, por meio da musicalidade, a imagem de um jogo de bola entre Raul e Arabela. Uma brincadeira corrente no mundo infantil, pois, geralmente, as crianças se reúnem para jogarem bola nas ruas do bairro em que moram. Diz-se que a imagem é um modo de apreensão do mundo, da realidade circundante ao ser humano, pois “resulta de um complicado processo de organização perceptiva que se desenvolve desde a primeira infância” (BOSI, 2000: 22). A imagem no poema é produto da articulação entre as palavras, i.e., da urdidura do discurso poético, pois este constitui-se num “arranjo de enunciados que se comportam como processos integradores de níveis diferentes, cujos extremos são o simbólico e o sonoro” (idem, p. 34). Ainda na esteira de Bosi, pode-se dizer que a reiteração recupera a sensação de simultaneidade que anima todo o poema, como, e.g., a reiteração “Olha a bolha...” presente no poema “Bolhas”.

O profissional do ensino da Língua Portuguesa deve considerar que o leitor infantil ainda desconhece o mundo e o está apreendendo por meio dos textos literários, tem-se que é através da imagem e do som que o sujeito-leitor engendra “a re-presentação do mundo sob as espécies de significados que o espírito descola do objeto” (idem, p. 72), ou seja, por meio da fantasia, da imaginação, da criatividade.

A palavra de ordem, hoje, na formação infantil é a criatividade: “faz-se urgente que as novas gerações descubram a leitura estimuladora ou criadora e através dela alcancem a formação humanística [...] que lhes dará a base cultural indispensável para serem no futuro os criadores de programas que a nova Era vai exigir” (COELHO, 1991: 261). Exemplar é o poema “Tanta Tinta” que trabalha com a criação e a imaginação do infante, haja vista que a criança apresenta um grau elevado de criatividade e imaginação, pois o lúdico e o sensorial ainda prevalecem sobre o elemento racional.

É sabido que a literatura compete com os modernos aparelhos de entretenimento - televisão, computadores, som, videogame. Daí a necessidade de uma linguagem questionadora, lúdica e estimuladora que destoe da cultura de massa comumente veiculada naqueles aparelhos modernos. Deve-se, desta forma, considerar o livro como um precioso instrumento de transmissão da cultura humanística, pois a literatura é a expressão ideal do homem, de seu conhecimento de mundo e de suas experiências essenciais. A formação de

profissionais da Língua Portuguesa não pode prescindir da literatura como instrumento e aliado da formação desse novo sujeito, pois a literatura além de propiciar o encontro do ser com uma cultura clássica, humanística, permite ao homem descobrir o mundo com um olhar diferenciado, crítico, reflexivo, contribuindo para a formação de um ser autônomo e crítico da própria realidade. De acordo com PAZ (1982: 15),

A poesia é conhecimento, salvação, poder, abandono. Operação capaz de transformar o mundo, a atividade poética é revolucionária por natureza [...] Expressão histórica de raças, nações, classes. Nega a história: em seu seio resolvem-se todos os conflitos objetivos e o homem adquire, afinal, a consciência de ser algo mais que passagem [...] Filha do acaso; fruto do cálculo. Arte de falar em forma superior; linguagem primitiva [...] Analogia: o poema é um caracol onde ressoa a música do mundo, e métricas e rimas são apenas correspondências, ecos, da harmonia universal.

Observa-se a importância da poesia para o encontro do homem consigo mesmo, à medida que a linguagem poética destaca-se como um dos mais adequados instrumentos didáticos que revelam o mundo e a cultura humanística às crianças, contribuindo para a formação cultural e pessoal do leitor infantil.

Enquanto os recursos tecnológicos bloqueiam a consciência crítica do leitor, a literatura tem, como um de seus principais papéis, o desafio de construir e estimular a revisão/transformação dos valores defasados do sistema vigente ou daqueles a serem eleitos pela sociedade. Desta forma, a literatura abre as portas para o mundo circundante da criança através da linguagem poética/musical que almeja, por meio do discurso lúdico, incorporar e desenvolver no leitor infantil novas experiências mentais e existenciais.

A apreensão de mundo por parte da criança é produto de uma simbiose entre o visual, o auditivo, o gestual ou rítmico e do conceptual, como é possível depreender na obra de Cecília, uma vez que é possível observar uma ligação direta entre o texto poético e as imagens, como, e.g., em “Roda na Rua”, em que se pode notar uma ilustração diretamente associada ao poema que representa imagens de crianças correndo de um lado para o outro, brincando de roda, além de apresentar uma roda de carro e uma de bicicleta, implicando, portanto, o perigo que as crianças correm ao brincarem nas ruas movimentadas. Desta forma, o texto poético torna-se um dos mais eficazes para a educação da percepção sensorial da criança, além de contribuir para a sua sensibilidade ou capacidade de pensar, ouvir, falar e escrever. Observe o poema “O Chão e o Pão” (p. 56):

O CHÃO E O PÃO

O chão.
O grão.
O grão no chão.
O pão.
O pão e a mão.
A mão no pão.
O pão na mão.
O pão no chão?
Não.

O texto trabalha com imagens referentes ao plantio do grão de milho pelas mãos do homem: “O grão no chão”, passando pelo processo de limpeza para retirar as ervas daninhas, pela colheita do milho até chegar às mãos do homem e ser processado, trabalhado manualmente para produzir aquele que é o alimento diário da maioria das pessoas: o pão. Observa-se ainda que o ritmo binário prevalece no poema, pois os versos obedecem ao mesmo E.R. 2(2) e quando são quaternários apresentam E.R. 4(2-4), possibilitando ao leitor a imagem do trabalho manual com a enxada para limpar a plantação de milho, ou o processo de colheita, ou, ainda, o processamento do grão de milho até chegar ao pão, e por fim à mesa do consumidor.

Além disso, há o jogo rítmico estabelecido pela assonância do ditongo nasal /ãõ/ que propicia ao leitor uma força sonora dando maior significação às palavras-chaves do poema: “chão”, “pão”, “mão” e “grão” e o advérbio de negação que fecha o poema: “não”. Há, ainda, as aliterações de /ch/, /p/ e /m/, juntamente com as rimas emparelhadas que propiciam ao ouvido do infante uma musicalidade agradável, colocando-o frente à produção de um alimento diário: o pão.

A anáfora “O...” contribui significativamente para enfatizar a relação do pão com o homem e do homem com o grão de milho que é jogado no chão, possibilitando à criança a descoberta da origem do pão através da função poética da linguagem. É importante observar que a anáfora é quebrada no último verso de cada estrofe: na primeira estrofe, tem-se “A mão no pão”, ou seja, o preparo manual de um alimento diário; na segunda estrofe temos “O pão no chão?/Não”. O advérbio de negação que quebra com a assonância estabelecida no poema remete o sujeito-leitor a uma imagem que é freqüente ao mundo da criança, pois esta está em

constante contato com o chão, os brinquedos espalhados pelo quarto e o próprio alimento que ora cai no chão e a criança o pega para comer.

A função poética é, segundo COELHO (1987:185), basicamente, a que provém do conhecimento intuitivo, pois permite a descoberta das coisas em seu estado original, antes de serem racionalizadas e codificadas pelos homens. A função poética expressa, sobremaneira, a fantasia, a imaginação e os sonhos, sendo a linguagem dos mitos, da poesia, da ficção.

Assim, a poesia, em especial a infantil, deve ser, sobretudo, muito bem elaborada esteticamente, pois “a poesia para crianças, assim como a prosa, tem que ser, antes de tudo, muito boa!” (ABRAMOVICH, 1997: 67). As palavras devem ser plurissignificativas para que a criança surpreenda-se diante de seus vários significados possíveis. A poesia expressa as sensações, os sonhos, as emoções e a vivência infantil por meio do discurso lúdico. A partir desse discurso lúdico a criança cria um mundo mágico, o mundo do faz de conta. Portanto, a poesia mexe com o sensorial de cada um, despertando o leitor infantil para as coisas mais simples da vida, para as sensações as mais diferentes possíveis, como diria Oswald de Andrade: “Aprendi com meu filho de dez anos / Que a poesia é a descoberta / Das coisas que eu nunca vi”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Muitas ilustrações e exemplos da relevância e pertinência da literatura como instrumento para a formação de sujeitos-leitores foram aqui apresentados. Desta forma, a literatura possibilita o encontro do homem com a cultura humanística, com o espaço de revelação e reconhecimento do prazer, da fantasia e da realidade circundante ao leitor infantil, além de propiciar-lhe uma leitura ampla e crítica dos valores sociais vigentes na sociedade, contribuindo para a formação de um sujeito-leitor crítico-reflexivo, ativo em suas decisões sociais enquanto integrante da sociedade a que pertence.

Portanto, cabe aos profissionais de ensino de Língua e Literatura traçar objetivos e metas a serem alcançados no ensino. Dentre eles: “Que tipo de aluno se quer formar?”, “Qual(is) o(s) objetivo(s) da minha prática pedagógica?”, “De que forma posso contribuir para a formação de sujeitos-leitores crítico-reflexivos?”. Em síntese, há uma necessidade urgente de conscientização da prática educacional como um mecanismo capaz de possibilitar ao homem uma visão crítica das falsas ideologias veiculadas na e pela sociedade. Repensar a formação e o papel do professor em sala torna-se uma das questões fundamentais para uma prática pedagógica eficiente, crítica e reflexiva.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, Fanny. Poesia para Crianças. In: **Literatura Infantil: Gostosuras e Bobices**. São Paulo: Scipione, 1997. p. 65-95.
- ANDRADE, Mário de. A Escrava que não é Isaura. In: **Obra Imatura**. São Paulo: Livraria Martins Editora, /s./d/. p. 195-275.
- BOSI, Alfredo. **O Ser e o Tempo da Poesia**. 6ª ed. São Paulo: Companhia das letras, 2000.
- COELHO, Nelly Novaes. **Panorama Histórico da literatura Infantil/Juvenil**. 4ª ed. São Paulo: Ática, 1991.
- COELHO, Nelly Novaes. Poesia Destinada às Crianças. In: **A Literatura Infantil**. 4ª ed. São Paulo: Edições Quíron, 1987. p. 158-184.
- LAJOLO, Marisa & ZILBERMAN, Regina. **Literatura Infantil Brasileira. História e Histórias**. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1985.
- MEIRELES, Cecília. **Ou Isto ou Aquilo**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991.
- MELLO, Ana Maria Lisboa de *et al.* O gênero lírico na literatura infantil. In: **Literatura Infanto-Juvenil: Prosa & Poesia**. Goiânia: Editora da UFG, 1995. p. 147 – 176.
- PAZ, Octávio. **O Arco e a Lira**. Trad. de Olga Savary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
- QUINTANA, Mário. **Lili inventa o mundo**. 13ª ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1997.
- TURCHI, Maria Zaira. Tendências da poesia infanto-juvenil brasileira. In: MELLO, Ana Maria Lisboa de *et al.* **Literatura Infanto-Juvenil: Prosa & Poesia**. Goiânia: Editora da UFG, 1995. p. 155 – 168.
- YUNES, Eliane. Literatura e Educação. A formação do sujeito. In: KHÉDE, Sônia Salomão (org.). **Os Contrapontos da Literatura. Arte, Ciência e Filosofia**. Rio de Janeiro: Vozes, 1984. p. 123 -132